

A ORTOGRAFIA NO ENSINO FUNDAMENTAL

COSTA, Elisangela Feitosa
elisangelacfeitosa@gmail.com

SANTOS, Ana Paula Almeida
anapaulaletras@bol.com.br

SANTOS, Márcia Carla Albuquerque Romão
mc_disc@hotmail.com

AMBRASEVICIUS, Margarida Maria Almeida. (Orientadora)

Graduada em Letras, Mestre em Letras e Linguística, Profa. do Curso de Letras –
Português da Universidade Tiradentes - UNIT

valmar@infonet.com.br

RESUMO

O objetivo deste artigo é fazer uma reflexão sobre as dificuldades apresentadas por alunos de uma escola pública do ensino fundamental da cidade de Itaporanga D'ajuda, dificuldades essas relacionadas ao ensino da ortografia, arrolando esses problemas às metodologias utilizadas pelos professores de língua portuguesa, como também refletir sobre a necessidade de mudanças metodológicas no que se refere ao ensino da escrita que, até então, baseia-se na fala. Esse trabalho foi fundamentado nos conceitos de Zorzi, Ilari & Basso, Cagliari e Irlandé.

Palavras-chaves: ortografia, aprendizagem, alfabetização, leitura, metodologia.

ABSTRACT

The aim of this article is to make a reflection on the problems and difficulties presented for pupils of a public school of the basic education of the great Aracaju, difficulties

these related to the education of the orthography enrolling these problems to the methodologies used for the professors of Portuguese language, as well as to reflect on the necessity of methodological changes as for the education of the writing that until then is based on speak. This work was based on the concepts from Zorzi, Ilari & Basso, Cagliari and Irlandé.

Word-keys: orthography, learning, literacy, reading, methodology.

INTRODUÇÃO

No final da década de 70, início da década de 80, com o surgimento da psicolingüística, da teoria piagetiana e das descobertas de alguns autores, começaram a compreender o processo de aquisição da linguagem escrita e oral, e os distúrbios que pode afetar as crianças pequenas alterando todo o seu funcionamento simbólico.

Na Idade Média não existia divisão de um sistema ortográfico definido, por causa das transformações que a língua estava sofrendo, a única preocupação era a de escrever da mesma forma que se falava, pois só assim se daria a comunicação.

Hoje não é diferente, quando se trata do ensino da ortografia na fase escolar. As crianças quando estão na alfabetização os professores passam a ensinar em primeiro lugar a pronuncia/sons das palavras, a partir daí elas começam a escrever as palavras conforme seus sons. Se a palavra for pronunciada com alguma consoante ou vogal a mais, ou a menos, a criança escreverá da mesma forma, vindo daí a dificuldade de compreender a variação entre formas de falar e formas de escrever. Sendo assim, se tivermos a fala como base da escrita, conseqüentemente a criança terá a tendência de escrever como se fala.

Este artigo tem, justamente, o objetivo conhecer alguns destes problemas e dificuldades que os professores e alunos, do ensino fundamental, enfrentam no processo de aquisição do conhecimento/aprendizagem da ortografia, e assim, compreender a relação e diferença entre fala e escrita. Possibilitando uma reflexão sobre os métodos utilizados para o ensino da língua portuguesa.

1. Fixação da ortografia no ensino fundamental

Segundo Ilari & Basso (2009) "... a ortografia medieval do português foi uma ortografia fonética.", por causa das divergências que a língua sofre até encontrar seu sistema ortográfico, e nessa época a preocupação era "... fazer da grafia uma reprodução fiel dos sons ouvidos na fala."

Ainda hoje, nas escolas brasileiras, o ensino da ortografia na fase escolar está sendo baseado na oralidade, as crianças começam a escrever as palavras conforme seus sons, iniciando dificuldade de compreensão das variações entre as formas de falar e de escrever.

O problema nem sempre está na ortografia, e sim na significação da escrita, ou seja, nas alterações no chamado "sistema funcional da linguagem", também conhecida como funções psiconeurológicas, essas funções dizem respeito a aspectos preceituais e materiais como: esquema corporal, noções de cores, noções espaciais, noções temporais, ritmo, lateralidade, maturidade fina e habilidades perceptuais e auditivas. Os problemas acontecem por falhas desses processos, por isso não é tão fácil ensinar como lidar com esses problemas da escrita, que diz respeito às alterações ou troca de letras na leitura e principalmente na escrita.

Tais crianças trazem em suas escritas, uma série de erros sistematicamente repetidos em determinados tipos de construção de palavras. Do ponto de vista de Zorzi (1998), "A oralidade, por exemplo, quando começa a ser usada como referência inicial da escrita, se traduz na tendência de a criança escrever do modo como fala", ou seja, nem sempre a alteração de ordem ortográfica é o problema principal da criança, pois podemos ver que as crianças escrevem de maneira mais fácil, e ao invés de escrever "cabeça"

escrevem “cabela” ou “cabessa”. Elas não têm dificuldade em elaborar narrativas, nem falta sentido ou coerência nos seus textos, em que há uma forte influência de estilos orais de linguagem chamada “alterações da escola e da família”.

1.1 Como a fala funciona

A fala funciona de acordo com a cultura e região de cada pessoa, por isso não há como determinar um tipo de norma para a fala, ou seja, para cada estado existe um tipo língua. Segundo Cagliari (2006), se a escola tem por objetivo ensinar como deve incentivar a fala, e mostrar como ela funciona. Os professores precisam elaborar atividades que faça com que os alunos exercitem seu vocabulário e percebam os erros falados por ele mesmo, mostrando aos alunos as diversas variações que há na fala e a sociedade deve ver esse tipo de variação não como um erro, e sim, como as suas variantes.

Porque na fala tudo é permitido, já na escrita a ortografia deve seguir as normas gramáticas, daí há necessidade de ensinar aos alunos a lidar com isso no dia a dia. Isso fez com que os lingüísticos elaborassem o alfabeto fonético internacional para a fala ser seguida das articulações fonéticas. Motivo o qual dividir na fala as letras do alfabeto em vogais e consoantes, só é permitido se as letras tiverem o mesmo sentido, já na escrita dividir as letras em consoantes e vogais é ganhar uma única moderação prévia de diferentes tipos de letras, tornado possível estabelecer regras de segmentação gráfica.

Cagliari (2006) diz ainda que as crianças faz a todo instante a relação entre fala e a escrita ortográfica, e o professor não consegue perceber o que esta causando o erro na escrita. Isso mostra que ensinar essas diversidades não é tão simples, porque quando as vogais e consoantes estão

juntas não é fácil ensinar aos alunos como falar e escrever. O erro não é do aluno e sim do professor que ao ensinar a soletrar as palavras não percebe que esta cometendo um erro, pois algumas palavras perdem as vogais na fala, mas na escrita ela aparece, e o professor, sem perceber não pronuncia a palavra certa, por esse motivo um professor jamais pode discriminar seu aluno pelos erros cometidos, consequência do mau entendimento do som da palavra, causando o erro na escrita.

Nisto vemos que os ditongos e monotongos devem ser explicados na alfabetização, porque a fala reflete na escrita das crianças, causando a necessidade de uma explicação da significação do tempo verbal, só assim conseguirão associar seus significados e suas formas de escrita, que para uns é bem clara, porém, se o professor não souber explicar suas informações só irá atrapalhar o pensamento do aluno, dificultando sua aprendizagem.

Para Cagliari (2006) deixar as crianças escreverem textos espontâneos é de fundamental importância para que façam corretamente a passagem da fala para a escrita, e da escrita para ortografia. Mas para que isso aconteça é necessário que o professor tenha domínio do que está ensinando, para que as crianças aprendam como a língua funciona, como usar os dialetos perante a classe social, a qual há diversos tipos de falante, mostrando os erros e como pode ser melhorados. E, ainda, afirma que a escrita não tem sílabas tônicas, nem átonas, isso só ocorre na fala e depende de como as pessoas dizem o que querem falar.

Daí vem outra falha das escolas que ao ensinar as crianças a colocarem acentos nas palavras não se explica o porquê do acento, gerando uma

dificuldade, pois as crianças não conseguem falar diferenciando quando a palavra tem acento ou não.

Outro tipo de problema são as crianças excepcionais elas apresentam dificuldades na escrita por causa do esquema corporal, noção de cores, noções especiais, noções temporais, ritmos, lateralidade, maturidade fina, habilidade percentuais e auditivos, por isso os erros acontecem tanto na fala como na escrita. Sendo que a função da fala é comunicar sua forma de pensar que se transforma ao longo do tempo, não se degenera, nem se tornar imperfeito, mas adquirem novos valores sociolingüísticos.

1.2 A escrita

A escrita é o princípio das correspondências entre sons e letras, que traduz a originalidade como se fosse uma mesma língua, isso causa uma contradição desses métodos, pois a língua seria a oral, mas todos os métodos e todas as avaliações têm como base a escrita ortograficamente correta.

A criança é inserida num mundo desconhecido, o mundo da escrita, sendo automaticamente anulado o mundo que, até então, conhecia, o mundo da fala. Passa a ser ensinado que tudo que ela aprendeu estava “errado” e se não conseguir se enquadrar neste novo mundo será discriminada.

Ao entrar na escola será ensinado somente o que está gramaticalmente correto e o que fugir disto é tido como erro de produção textual. Não será avaliado o conteúdo, mas os erros gramaticais. Foi assim que os professores aprenderam em sua época escolar, e é assim que ensinam.

A alfabetização é o início de todo o problema e o ensino fundamental dá continuidade. Professores ensinando palavras soltas fora de contexto levando os alunos a perderem a espontaneidade que tinham, pois toda criança entra na

escola com uma bagagem, não gramatical, mas de mundo, de lingüística, ou seja, de fala. “Dizer” pra um aluno que ele não sabe português é fazer da língua portuguesa brasileira, uma língua estrangeira pra esse aluno, dificultando sua aprendizagem.

De acordo com Irandé (2003) o professor tem a responsabilidade de contribuir para o desenvolvimento pessoal, social e político do aluno através da ampliação de suas potencialidades comunicativas, ainda que as circunstâncias limitem à “tarefa de passar conteúdos”

Muitos métodos foram desenvolvidos para mudar as regras de ensino e avaliação da língua portuguesa, para mudar a ideia de que aula de português é sinônimo de “passar conteúdos gramaticais”. Algumas instituições governamentais como os PCN (Parâmetros Curriculares Nacionais) e a SAEB (Sistema Nacional de Avaliação da Educação Básica) tem se empenhado em desenvolver ações que tirem de foco exclusivo os conteúdos gramaticais.

1.3 A leitura

A leitura é a atividade fundamental desenvolvida pela escola para formação dos alunos, é o melhor que a escola pode oferecer aos seus alunos, sendo também uma extensão da escola na vida das pessoas. É ainda, uma herança maior do que qualquer diploma. A grande maioria dos problemas que os alunos encontram ao longo dos anos de estudo, é decorrente de problemas de leitura.

O aluno muitas vezes não resolve problemas de matemática, não porque não saiba matemática, mas porque não sabe ler ou até mesmo interpretar o enunciado do problema, o que ele não entende mesmo é o português que lê. Não foi treinado para ler números, relações quantitativas.

Então, o professor de português não ensina isso porque diz que é obrigação do professor de matemática, e o professor de matemática, ou não desconfia do problema, ou, quando muito, acha que ler e compreender um texto são problemas que o professor de português deve resolver na educação das crianças, e "... com enormes dificuldades de leitura, o aluno se vê frustrado no seu esforço de estudar outras disciplinas..." (Irlandé, 2003), no final de tudo, as crianças acabam ficando sem essas explicações.

Quantos alunos se saem mal nas provas de qualquer matéria, depois de terem estudado o assunto muito bem. Não basta ensinar só as relações matemáticas: é preciso ensinar também o português que a matemática usa. Tudo que se ensina na escola está diretamente ligado à leitura e depende dela para se manter e se desenvolver.

A leitura é também a realização do objetivo da escrita. Quem escreve, escreve para ser lido. Às vezes, ler é um processo de descoberta, como a busca do saber científico. Mas, pode também ser superficial, sem grandes pretensões, uma atividade lúdica, porém pode ser feita com gosto e perfeição. Ela é uma atividade profundamente individual e duas pessoas dificilmente fazem uma mesma leitura de um texto, mesmo científico.

Cagliari diz que ao contrário da escrita, que é uma atividade de exteriorizar o pensamento, a leitura é uma atividade de assimilação de conhecimento, de reflexão. Por isso, a escola que não ler muito para seus alunos e não lhes dá a chance de ler muito está próxima do insucesso. A leitura é, pois uma decifração e uma decodificação. O leitor deverá em primeiro lugar decifrar a escrita, depois entender a linguagem encontrada, em seguida

decodificar todas as implicações que o texto tem e, finalmente, refletir sobre isso e formar o próprio conhecimento e opinião a respeito do que leu.

Uma criança não lê como um adulto. Sendo de um meio social pobre, não lê do mesmo jeito que uma criança de um meio social rico; nenhuma delas provavelmente lerá da mesma maneira que a professora. Também aqui não se deve concluir que uma ler bem e outra ler mal; todas leem de maneiras diferentes. Ler é uma atividade extremamente complexa e envolve problemas não só semânticos, culturais, ideológicos, filosóficos, mas até fonéticos.

Não se poderia deixar de dizer algo a respeito da avaliação. É necessário que esta seja feita individualmente, levando-se em conta, antes de tudo, o processo que cada criança usa para aprender. Às vezes, o aluno que mais faz é o que é menos reconhecido, o que lhe causa uma revolta pessoal que pode levá-lo até a odiar a própria escola.

A escola tem a mania de avaliar demais, sem propósito definido, sem saber o que faz o aluno. Não é correto avaliar um aluno só pelos erros de ortografia. Exigir desinibição numa sociedade de medo, exigir o domínio da norma culta da noite para o dia, exigir que todos os alunos façam sempre as mesmas coisas e apresentem os mesmos resultados, independentemente dos processos usados individualmente, é um desrespeito às crianças.

PESQUISA

A pesquisa foi desenvolvida na Escola Municipal Antônio José dos Santos no município de Itaporanga D'ajuda com 11 crianças do ensino fundamental. Observando as crianças escreverem na alfabetização, percebemos que todas as variações possíveis permaneceram. Elas erram a forma ortográfica, porque se baseia na forma fonética do professor, mostrando que não conseguem diferenciar sons surdos de sonoros, um problema das escolas que não ensinam a diferenciar um do outro, motivo o qual confunde a escrita da criança, só porque o professor não soube falar bem as palavras. E ainda, as diferentes formas léxicas das palavras estão sempre mudando para o falante e a escrita ortográfica não acompanha essa evolução.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

De acordo com o que foi lido e pesquisado percebeu-se que as metodologias utilizadas pelos professores do ensino fundamental devem ser acrescidas de uma maior participação nos aprofundamentos teóricos por parte dos professores para que os mesmos percebam às suas deficiências com relação ao ensino/aprendizado dos alunos no que se refere ao ensino da língua materna, pesquisando e criando metodologias mais eficazes.

De certo que as mudanças têm que começar de fora para dentro, ou seja, os órgãos responsáveis pela educação têm que capacitar os professores e equipar as escolas. Porém, por já existir um sistema ortográfico com suas particularidades, que não segue a forma da oralidade, os professores têm a responsabilidade de ensinar as diferenças existentes entre a fala e a escrita. Não que uma anule a outra, mas sim, ensinar os vários “usos” tanto de uma como da outra.

REFERÊNCIAS

ANTUNES, Irandé. **Aula de português: encontro e interação.** São Paulo: Parábola Editorial, 2003.

CAGLIARI, Luiz Carlos. **Alfabetização & lingüística.** São Paulo: Scipione, 2006.10 ed.

ILARI, Rodolfo; BASSO, Renato. **O português da gente: a língua que estudamos a língua que falamos.** São Paulo: Contexto, 2009.

ZORZI, Jaime Luiz. **Aprender a escrever: a apropriação do sistema ortográfico.** Porto Alegre: ARTMED, 1998.